





DE VOLTA Á PARVONILÂNDIA

Original de
BOAVENTURA PASSOS



Revista local em 2 actos e 7 quadros, continuação da revista LÉRIAS E PILHÉRIAS, do mesmo autor, que em Sam-Brás de Alportel se levou á scena, com certo exito, em beneficio da Casa de Caridade e Caixa Escolar.



De Volta á Parvonilândia, que, como aquela, tem a valorizá-la o concurso de um grupo de rapazes e de gentilissimas meninas, cujo esforço e belo espirito de abnegação é grato salientar, foi musicada pelos distintos maestros Nicolau Junior, da Banda Municipal de Tavira e Reis de Carvalho, filho, da Musica Nova de Olhão, destinando-se o seu producto liquido ao Hospital a construir em Sam-Brás de Alportel e a auxilio da benemerita Corporação de Bombeiros Voluntarios, da mesma via.



28
de Julho
1929



COPLAS



PRIMEIRO ACTO

1.^a Beata

As meninas de hoje em dia
Fazem coisas do demonio!
Senhor! Jesus! Que agonia!
Valha-m'a Virgem Maria
mais o Padre Santo Antonio!

Em nome do Padre,
Filho, 'Spirito Santo!
Eu as minhas mãos
aos Ceus levanto!
Misericordia
para os que pecam!
«Miserere nobis»
«Dominus tecum»!

Côro

Em nome do Padre, etc.

1.^a BEATA

Até já a propria Igreja
é lugar p'ró namorico!
O Senhor conosco seja,
nos ampare e nos proteja
das garras do mofarrico!

Côro

Em nome do padre, etc.

1.^a BEATA

Pelas ruas sem viv'alma
'inda hoje eu cá me afoito!
P'ra ter a min'alma salva
só vou à missa das oito
quando perco a missa d'alva!

Côro

Em nome do Padre, etc.

Carta Amorosa

Sou a cartinha amorosa
que em segredo,
muito a medo,
fala às almas, suspirosa;
a mensageira ditosa,
dos sonhos,
os mais risonhos,
duma idade radiesa...

Sou a cartinha esperada,
de letras apetecidas,
que em recato, às escondidas,
é relida e é beijada;
sou a carta que é guardada,
com receio,
no morno seio
duma mulher bem amada...

Sou um ceu de abril risonho,
ceu jocundo,
azul profundo,
lindo e breve como um sonho...
Mas se me toldo, tristonho,
por momentos,
que tormentos,
nos corações eu não ponho!

Sou o terror dos papás,
que ralham às raparigas,
não se fiando em cantigas,
nem em lérias de rapaz...
Sou a nota mais vivaz,
que resume,
amor, ciume,
horas de dor e de paz...

Carta Amorosa

(avistando a sogra)

Agora, agora,
é que são elas!
Tenho os cabelos
como sovelas!

Todos

Ai, ai,
que susto!
Ai, ai,
que susto!

CARTA AMOROSA

Jesus! que medo!
Amígos, fugi!
Não tarda, lá vem!
Fujamos daqui!

Todos

Ai, ai,
que susto!
Ai, ai,
que susto!

Sogra

Esta coisa do casar
é um autentico azar,
uma forte pepineira!
Se eu soubesse não caía
—Isso sim, também eu queria!—
em praticar tal asneira!

Eles

Mulheres, ao largo!

Elas

Homens, nem vê-los!

Elas

São umas feras!

Elas

São uns camelos!

Côro

Esta coisa do casar,
é um autentico azar, etc.

SOGRA

Quem inventou esta léria,
sem qualquer graça ou pilhéria,
foi um asno de respeito!
Que bela sova lhe dava,
—Ai, não, não apanhava!—
se eu conhecesse o sujeito!

Eles

Mulheres, ao largo!

Elas

Homens, nem vê-los, etc.

Côro

Quem inventou esta léria, etc.

Varredor

encarregado da iluminação

Nesta coisa dos petroleos,
com franqueza aqui o digo,
ando á tãa, ando ás escuras,
pois, meu carissimo amigo,
o diabo me leve o méle,
se eu sei qual é o melhor,
se o da *Vacuum*, se o da *Shell*...

«*Vacuum*»

O da *Vacuum Oil Company*
dá uma luz sem igual!

«*Shell*»

Mas os da *The Lisbon Coal*
em brilho não tem rival!

VARREDOR

Cá os nossos candieiros,
do cano até ao Burguel,
umas vezes gastam *Vacuum*
outras vezes gastam *Shell*,
resultando da mistura,
os zelos do Jeremias
mais os do Boaventura...

«*Vacuum*»

O da *Vacuum Oil Company*, etc.

«*Shell*»

Mas o da *The Lisbon Coal*, etc.

VARREDOR

Mas se vem a luz electrica,
se temos a *Cintural*,
bem podes, *Alumiação*,
pensar no teu funeral...
Que a tua boca se sóle
ás dietas do petroleo
de origem *Vacuum* e *Shell*...

Balada

Voz

Andam rumores na noite,
oiço-os na voz do luar...
São rumores de baladas,
na noite azul a vibrar...

Côro

'Storias d'amor, muito tristes,
duma tristeza sem par,
almas de moiras cativas
andam de noite a cantar...

Voz

A mais extranha harmonia
se derrama pelo ar...
São elas, as pobres moiras,
na noite imensa a cantar...

Côro

Canto de infinda tristeza,
não ha mais triste chorar!
Choram cantando, porque
tambem se chora a cantar...

Voz

Corações de lenda e sonho,
tão puros como o luar,
êles são na noite imensa,
doces cordas a vibrar...

Côro

Almas tristes, desditosas,
perdidas por muito amar,
sofrem assim por um Bem
que não poderam lograr...

Voz

E, doloridas, saudosas,
nêsse seu pungir sem par,
choram o Bem que sonharam,
na luz triste do luar...

Côro

E' a noite um coração,
um violino a vibrar
sons de balada perdidos
nas solidões do luar...

SEGUNDO ACTO

Mulher moderna e Mulher antiga

Mulher moderna

Sou a mulher da «élite»,
a mulher da grande roda,
corto o cabelo á «garçonne»,
só visto ao rigôr da moda.

Mulher antiga

Arrenego de tais modas,
dêstes trajos tão brejeiros...
Andam os homens de saias;
elas p'las mãos dos barbeiros!

Mulher moderna

Sou a «garçonne» distinta,
de saía té ao joelho...

Mulher antiga

Eu sou a mulher antiga,
uso a minha p'lo artelho...

Mulher moderna

Sou, na pureza de linhas,
duma elegância sem par.
Toda a mulher modernista
tem outro porte, outro ar...

Mulher antiga

Se o meu *home*, que é casmurro,
me visse assim—que castigo!
dava me dum a um cento,
punha-me o corpo num figo!

Mulher moderna

Sou a mulher de bom tom,
modernizo-me a capricho...

Mulher antiga

Eu, a mulher doutros tempos,
que usa chale e carrapicho...

Mendiga

Sou pobre, sou desditosa *Bis*
um farrapo, eis o que sou...
Folha perdida de rosa *Bis*
que o vento em furia levou... *Bis*

Tão pobre, tão pobrezinha, *Bis*
que nada tenho de meu! *Bis*
Vida mais triste que a minha, *Bis*
nunca ninguem conheceu! *Bis*

Triste folha na corrente, *Bis*
onde irá ela parar?
O' pobre folha, detem-te, *Bis*
que as aguas vão dar ao mar... *Bis*

Ao mar imenso, profundo, *Bis*
inquieta, sempre agitado... *Bis*
Exemplo de quem no mundo *Bis*
expia o rigôr dum mau fado... *Bis*

Carreiro

Esta coisa da carreira
—Forte asneira!—
que a gente faz para Faro,
está morta de tal maneira,
que já não paga a canceira;
não deixa nada, meu caro!

Nem passageiros nem fretes, *Bis*
nada a trazer ou levar!
Quem não tem bicicletas, *Bis*
—transportes de besta só...—
misga-se nas «camionettes»
que são comboios a andar,
buzinando: pó, pó, pó!

Coisa de luxo,
coisa mais fina,
com um outro puxo, } *Bis*
feito a gazolina!

Paga-se a contribuição
—um dinheirão!—
esfolam-nos de cabo a rabo!
Ele é a tal transacção,
o turismo, a viação,
sêlos e coisas do diabo!

E, afinal que é *dêle* os fretes? *Bis*
Nada a trazer ou a levar!
Quem não tem bicicletas, *Bis*
—transportes de besta só. —
misga-se nas «camionettes»
que são combois a andar,
buzinando: pó, pó, pó!

Coisa de luxo,
coisa mais fina,
com um outro puxo, } *Bis*
feito a gazolina!

Da bêsta e carro arrenego,
—Vão p'ro prego!—
visto que a coisa vai torta!
Se noutra vida não pego,
darei em moço de cego,
pedirei de porta em porta!

Pois o que ganhe nos fretes, *Bis*
não me dá já p'ra fumar!
Todos andam em bicicletas, *Bis*
—transportes de bêsta só. —
ou então nas «camionettes»
que são comboios a andar,
buzinando: pó, pó, pó!

Coisa de luxo,
coisa mais fina,
com um outro puxo, } *Bis*
feito a gazolina!

Primavera

Pelas quebradas dos montes
resôa a frauta de Pan,
e no rubôr da manhan
ha um misterio de amor...
Ninfas belas junto ás fontes,
ou perdidas na espessura,
amam co'a desenvoltura
do mais frenetico ardôr...

Céres, por entro os trigais,
alonga as tranças divinas,
floridas pelas boninas
que dizem brandos desejos...
Refulge, em som de metais,
pelo Azul, entanto, Apolo,
enquanto os lábios de Eolo
enchem a terra de beijos...

Papoilas, rubras, viçosas,
soltam gritos delirantes,
como bocas de bacantes,
loucas, vermelhas, cantando!

.....
—E Eros exulta, entre rosas!
E ha borboletas doiradas
sôbre petalas desfolhadas,
ou pelo ar volitando.....

Romeiras

1.ª Romeira

Quando o sol da primavera,
louco, a rir á gargalhada,
inunda o ceu e a terra
da sua luz estouvada;
quando, p'los campos em flor,
tudo se espande a cantar,
ha vozes dentro de nós
Que parecem murmurar:

Todas

Meu amor,
quero beber p'la tua boca,
o dulçôr,

dos teus beijos de ventara;
mata-me esta sêde louca,
este ardôr,
que me aneia, me devora e me tortura!

1.ª Romeira

P'los tortuosos caminhos,
ao sol, por essas estradas,
riem as moças ladinas,
ao chouteio das burricadas!
E num olhar que se troca,
há uma jura de amor...
...Uma guitarra soluça
nos braços dum trovador...

Todas

Meu amor,
quero beber p'la tua boca, etc.

1.ª Romeira

E p'las sombras dos pomares,
e de arvoredos frondosos,
junto a fontes, as merendas
são uns festins rumorosos!
Corações de mocidade,
que um fogo de amor devora,
andam sempre a procurar-se,
a dizer a toda a hora:

Todas

Meu amor,
quero beber p'la tua boca, etc.

1.ª Romeira

Põe-se o sol e p'los caminhos,
á volta, por essas estradas,
há a mesma nota ardente,
de risos, de gargalhadas!
E num aneio recatado,
o mesmo desejo então
se transmite num olhar,
dum a outro coração:

Todas

Meu amor,
quero beber p'la tua boca, etc.

1.º Sitio

Das terras d'áquem do Gharb
somos a joia mais linda,
joia que fulge e radia
em tons de beleza infinda!

Côro

Lindo recanto,
maravilhoso;
terra de encanto,
«eden» formoso,
perto do mar,
á beira-serra,
cheio do luar
mais lindo da terra!

1.º SITIO

Terra de sol e luar,
de sonho, de mocidade!
Dum sol que é vida fecunda
e dum luar que é saudade...

Côro

Lindo recanto,
das terras do sul,
vibrando o encanto
dum ceu muito azul!
Que tristes cantigas
lhe enfloram o ar!
São moiras cativas
cantando ao luar...

1.º SITIO

Na vastidão deste ceu
há um delírio de côr!
O Dia é beijo inflamado;
a noite um sonho de amor...

Côro

Lindo recanto
do Gharb jogando,
terra de encanto,
sem igual no mundo!
O' terra amada,
Garrida, louçã,
eterna balada
em boca paga...

CEGOS

P'lo rapaz abandonada,
Custodia da Conceição,
matou um filho inocente,
sem ter dó nem compaixão!

Não se sabe onde nasceu
esta mulher tão malvada,
que foi, a paginas tantas,
p'lo rapaz abandonada.
Devia ser enforcada
e metida num caixão,
p'ra exemplo, p'ra lição,
dontras panteras que tais!
Seu nome não esquece mais:
Custodia da Conceição.

P'ra ocultar a vergonha,
não teve outro expediente:
'strangulou a criancinha,
matou um filho inocente.
Só um bicho, uma serpente,
do peor que ha no sertão,
faria uma tal acção,
por sua indole ruim:
matar um filhinho assim,
sem ter dó nem compaixão!

TUDO A DEZ TOSTÕES!

Côro

Quem compra, baratinhas, quasi dadas,
Bugigangas, desde os ganchos aos botões.
Só não compra, só não quere o que fôr parvo!
Que pechincha! Tudo, tudo, a dez tostões!

VOZ

A vender coisas baratas,
andamos por essas feiras:
P'ra homens, temos gravatas;
p'ra damas, lindas pulseiras!
São artigos de tentar,
por dez reis de mel coado!
Quem compra? quem quere comprar?
Aproveitem, que isto é dado!

Côro

Quem compra, baratinhas, quasi dadas, etc.

VOZ

Era bem fino, por certo,
quem descobriu esta mina,
pois vendendo a preço certo,
fez um negocio da China!
Um negocio de primeira,
negocio piramidal!
—Olhem esta lapiseiral!
Um ovo por um real!

Côro

Quem compra, baratinhas, quasi dadas, etc.

VOZ

Namorados, quem não ha-de
fazer á noiva um presente?
Vamos! Escolhei á vontade!
São dez tostões cada pente!
E se uma sogra qualquer
tem um genro que a respeite,
pode dar-lhe uma colher,
ou então um sabonete...

Côro

Quem compra, baratinhas, quasi dadas, etc.

VOZ

A vender coisas baratas,
andamos por essas feiras.
São dez tostões as gravatas!
São dez tostões as pulseiras!
Tudo artigos p'ra tentar,
'inda os mortais mais forretas!
Pó d'arroz, quem quere comprar?
São dez tostões, as lunetas!

Côro

Quem compra, baratinhas, quasi dadas, etc.

1.º EMIGRANTE

Ao deixar a minh'aldeia, *Bis*
senti-me orfão, sem ninguém...
E' que a terra onde nascemos, *Bis*
é nossa segunda mãe...

No meu peito, o coração,
com tristeza me batia
sentindo mais afeição
por este querido torrão
que eu deixava nêsse dia. *Bis*

E pelas aguas do mar
e trilhos da terra errei...
Sonhos aureos me levaram, *Bis*
sonhos aureos cá deixei...

E este meu coração
—risonho campo de lirios...—
foi neve, desolação,
coberto da floração
roxa e triste d'ós martirios...

Quantas vezes os meus olhos *Bis*
na distancia mergulhavam,
e, na visão do distante, *Bis*
de agro pranto se foldavam.

Batia o meu coração
como um toque de trindades...
—ai como ele batia então!—
E uma prece, uma oração,
floria minhas saudades... *Bis*

Pobre fui e pobre vim
das terras de além do mar...
Chorei de dôr ao partir, *Bis*
chorei tambem ao voltar...

E, cá dentro, o coração,
bate agora de mansinho,
numa doce vibração...
—E' a paz dêste torrão
que o traz assim, soitadinho...



INTERPRETAM-NA:

- D. Adelaide Dias Neto*
- D. Celeste Passos de Carvalho*
- D. Emerita Pereira Martins*
- D. Ermelinda José Féria*
- D. Gertrudes Carvalho*
- D. Libânia Lopes .*
- D. Lidia da Ponte Rodrigues*
- D. Maria Angela Urbano Pires*
- D. Maria da Conceição Costa*
- D. Maria Dias Antonino (pianista)*
- D. Maria José Serois*
- D. Marieta Madeira Sangremam Proença*
- D. Maria da Piedade Basilio*
- D. Maria Pontes Correia*
- D. Rosa Pontes Correia*

Alberto Arcanjo Viegas
Américo José Chaves Soares
Antonino Calapez da Cruz
Antonio Chaves de Oliveira Pinto
Antonio Guerreiro da Ponte Lopes (Dr.)
Antonio José Féria Frade
Antonio França Martins Viegas
Armando Pereira Martins (ponto)
Boaventura Alves Rodrigues de Passos
Boaventura Passos (compère)
David Pereira Martins
Jaime Passos Pinto
José Dias Passos Pinto
José Estevam Medel
José Ferreira (caracterizador)
José Rodrigues Engracia Júnior
Julio Guilherme Carapeto
Lasaro de Sousa Costa
Manuel de Sousa Pires Rico Junior (compère)
Teodomiro Manuel Urbano Pires
Virgilio Pereira Martins



1929
Typographia UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 80-1.º
FARO